

Queda de quase 11% na cotação do dólar entre fevereiro e abril reduz débito público para R\$ 854 bilhões, valor equivalente ao do período anterior a setembro de 2002, quando o país foi atingido por crise eleitoral

Dívida cai R\$ 50 bi

PÚBLICA

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Por mais que o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, recomende cautela para seus subordinados na hora de analisar o bom momento vivido pela economia brasileira, técnicos do Banco Central não escondem a satisfação ao contabilizarem os novos números da dívida pública. Ainda que preliminares, os levantamentos indicam que, do dia 28 de fevereiro, quando a dívida pública bateu nos R\$ 904,365 bilhões, até o dia 7 de abril, o endividamento consolidado do setor público (governo federal, estados, municípios e estaduais) diminuiu quase R\$ 50 bilhões (R\$ 49,604 bilhões) apenas por causa da redução de 10,97% nos preços do dólar. Batendo anteontem nos R\$ 854,761 bilhões, a dívida pública voltou aos níveis anteriores a setembro do ano passado, o pior mês da grave crise de confiança que sacudiu o país, porque o PT liderava a eleição presidencial com folga.

As contas dos técnicos do BC consideram que metade do endividamento líquido do setor público é corrigida pela variação do dólar. Aí, se inclui a dívida externa do governo, que totalizava R\$ 230,313 bilhões em fevereiro último. Com a baixa do dólar, a dívida pública já está em 54% do Produto Interno Bruto (PIB). Há dois meses, essa rela-

ção era de 56,6%. Segundo o BC, cada ponto percentual de variação do dólar representa um impacto de 0,26 ponto percentual na relação da dívida com o PIB. No ano passado, com a brutal arrancada do dólar, o endividamento público chegou a representar mais de 63% do PIB, a soma das todas as riquezas produzidas pelo país em um ano.

Segundo os cálculos de Nuno Câmara, economista, em Nova York, do banco alemão Dresdner Kleinwort Wasserstein, o impacto da queda do dólar sobre a dívida foi ainda maior. Mas há uma explicação para isso: o economista do Dresdner corrigiu o PIB de março pelo IGP-DI de fevereiro, que ficou em 1,59%. Com isso, a inflação acabou dando uma ajuda extra ao governo na comparação da dívida com o PIB. "Pelas nossas contas, a relação da dívida com o Produto fechou março em 52,3%. É o melhor resultado desde junho de 2001, quando esse indicador estava em 51,4%.", disse Câmara. "Caso o dólar feche abril na casa de R\$ 3,20, a relação dívida PIB cairá para 52,1%", acrescentou. Há quem aposte, contudo, que a moeda americana poderá cair para cerca de R\$ 3.

Fantasma desaparece

O diretor da Área de Câmbio da Corretora Novação, Mário Battistel, destacou que a redução da dívida pública é mais um fato positivo que vem se somar às

EM QUEDA

O perfil da dívida pública

Total da dívida líquida do setor público no final de fevereiro
R\$ 904,365 bilhões

A queda acumulada do dólar entre 28 de fevereiro e 7 de abril é de 10,97%, equivalente a
R\$ 49,604 bilhões

Apenas com a queda do dólar, a dívida caiu para
R\$ 854,761 bilhões
representando 54% do PIB



TÍTULOS NO MERCADO

Em R\$ bilhões

Taxa Selic	299,766
Câmbio	237,074
Juros prefixados	12,970
Índice de preços	82,147
Taxa Referencial (TR)	12,970
Overnight	75,662

boas notícias que o governo vem colhendo na economia nos últimos meses. "O endividamento público deixou de ser um fantasma. No ano passado, às vésperas das eleições presidenciais, muitos investidores acreditavam que, se saísse vencedor das urnas, o governo Lula não cumpriria uma série de

contratos. O que se vê, no entanto, é um governo comprometido com o ajuste das contas públicas e sem medo de tomar medidas duras para o combate à inflação", assinalou.

Battistel fez, porém, uma ressalva. Para ele, a queda do dólar é um fator conjuntural, que apresenta reflexos sobre o curto

prazo. O importante agora, segundo ele, é que o governo aproveite os bons ventos para aprovar as reformas tributárias e da Previdência. "São as mudanças estruturais que se implementarão na economia a partir das reformas, que sedimentarão o caminho efetivo para o recuo consistente da dívida pública em

relação ao PIB", complementou o analista Mário Paiva, da Corretora Liqueidez.

Paiva lembrou que, ao analisar o Brasil, um dos principais indicadores que os investidores estrangeiros levam em consideração na hora de direcionar recursos para o país é a capacidade do governo de administrar a dívida pública. No ano passado, ficou evidente a explosão do endividamento, que saltou de R\$ 660,867 bilhões para R\$ 881,108 bilhões — um aumento de R\$ 220 bilhões. Tal elevação foi sustentada, sobretudo, pela forte desvalorização do real frente ao dólar. E levou quase todas as agências de classificação de risco a porer o Brasil na lista de países próximos do calote.

Na opinião de técnicos do Ministério da Fazenda, a redução da dívida pública, caso seja persistente, levará o governo a uma forte economia nos gastos com juros — foram R\$ 32,159 bilhões apenas em janeiro e fevereiro deste ano. A baixa do dólar também ajudará o BC a recuperar parte dos prejuízos que acumulou nos últimos meses nas negociações com *swaps cambiais*. Por meio desses contratos, o BC aposta na queda do dólar e na alta dos juros. O mercado, como um todo, posiciona-se na ponta contrária. Em 2002, o BC perdeu quase R\$ 10,9 bilhões com os *swaps cambiais*. A conta foi parar no caixa do Tesouro Nacional.